



DICIONÁRIOS DIALETAIS EM SALA DE AULA: PARA QUÊ E PARA QUEM?

DIALECTAL DICTIONARIES IN CLASS: FOR WHAT AND FOR WHOM?

*Ivan Pedro Nascimento*¹

RESUMO:

Discute-se, neste trabalho, o dicionário dialetal enquanto obra de referência linguística, atentando para a questão do público-alvo e do seu uso em situações sociocomunicativas, para que se proporcione um ensino-aprendizagem de língua em perspectiva histórico-variacional. Desenvolve-se uma discussão sobre léxico, variação diatópica e dicionários na perspectiva do ensino, dialogando com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Procede-se a uma breve análise lexicográfica do Vocabulário Dialetal Baiano (2017), de Isamar Neiva de Santana, destacando-se potenciais pedagógicos. Ao final, esboçam-se quatro tipos de atividades com o uso de dicionários dialetais e um plano de aula. Também há uma reflexão sobre a necessidade de se estabelecer uma relação constante entre ensino e pesquisa para o acesso a diferentes e novos recursos.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionários dialetais. Lexicografia histórico-variacional. Ensino.

ABSTRACT:

In this work is discussed the dialectal dictionary as a work of linguistic reference, giving attention to the target audience issue and its use in a socio-communicative situation, to provide a teaching-learning language process under a historical-variational perspective. Based on it, a discussion was developed about lexicon, diatopical variation, and dictionaries under the teaching perspective, holding a dialogue with Base Nacional Comum Curricular (BNCC) and the Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A brief lexicographical analysis of Dialectal Vocabulary of Bahia (2017), by Isamar Neiva de Santana, was made, highlighting the pedagogical potential. In the last part, four types of activities were planned using dialectal dictionaries and a lesson plan. There is also a reflection on the need to establish a constant relationship between teaching and research to promote access to new and different resources.

KEYWORDS: Dialectal dictionaries. Historical-variational lexicography. Teaching.

1 Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e professor substituto de Língua Portuguesa (Setor de Língua Portuguesa/Universidade Federal da Bahia). E-mail: ivan.nascimento@ufba.br, ips.nascimento@outlook.com.



Introdução

Discute-se, neste artigo, o dicionário dialetal enquanto obra de referência linguística, atentando para a questão do público-alvo e do seu uso em situações sociocomunicativas, para que se proporcione um ensino-aprendizagem de língua em perspectiva histórico-variacional. Desse modo, ao longo das reflexões, levam-se em conta três aspectos que foram norteados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998): o aluno, enquanto um sujeito atuante sobre o objeto de estudo dentro e fora de um ambiente escolar, pelo domínio de diferentes normas, compreendidas aqui como “conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo [...] os fenômenos em variação” (FARACO, 2008, p. 40); a língua em suas diferentes variações e graus de poder; e uma prática docente mediadora que, compartilhando os saberes linguísticos necessários, permita a conscientização, adequação e ocupação de espaços sociais.

Como bem afirma Mattos e Silva, em uma reflexão sobre a diversidade linguística brasileira e o ensino de português:

[...] qualquer trabalho de ensino da língua materna se constitui em um processo de enriquecimento do potencial linguístico do falante nativo, não se perdendo de vista a multiplicidade de comunidades de fala que compõe o universo de qualquer língua natural, multiplicidade que variará, a depender das características de cada uma (MATTOS E SILVA, 2004, p. 27).

Verifica-se, assim, a necessidade de superação de uma ideia imprópria e purista da língua como um sistema homogêneo que, por muito tempo, amparada por um cânone literário tido como modelo de bom uso e uma norma linguística lusitana, fomentou uma defesa radical ao “certo” e uma mutilação linguística ao “errado”, licenciando o preconceito e dificultando à escola a tarefa de ser um espaço democrático, inclusivo e de promoção ao respeito (LUCCHESI, 2015; FARACO, 2008).

A Base Nacional Comum Curricular, hoje, por exemplo, traz os seguintes objetivos quanto ao ensino da variação no ensino fundamental: “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2016, p. 87). Em relação ao ensino médio:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2016, p. 490).

Nesse sentido, com o intuito de contribuir para um ensino-aprendizagem de português em perspectiva histórico-variacional com uma ênfase em uma dimensão diatópica, propõe-se a seguir uma breve discussão sobre léxico, variação e dicionários em contexto de ensino e a questão da avaliação de dicionários dialetais e de seus potenciais pedagógicos com um enfoque sobre o Vocabulário Dialectal Baiano (2017), de Isamar Neiva de Santana, com o fito de divulgar recursos a docentes e discentes para um melhor (re)conhecimento da realidade linguística do Brasil.

Léxico, variação diatópica e dicionários em contexto de ensino

Uma mudança de postura para um ensino de português que possibilite a expansão de um potencial linguístico e uma mobilidade social deve ser atenta aos recursos didáticos, como os dicionários e gramáticas, e às situações projetadas pelos docentes para a leitura, produção de textos, análises linguísticas e para o manuseio destes materiais.

A Lexicografia, enquanto área da Linguística voltada ao registro do léxico, ao longo dos séculos, assumiu os estatutos de arte, técnica, prática, saber, ciência e disciplina, à medida em que se adotaram perspectivas teórico-metodológicas em relação ao seu principal produto, o dicionário, e à finalidade do conhecimento metalinguístico elencado em seus artigos.

Dicionários, assim como as gramáticas, são artificios metalinguísticos complementares que, aos seus consulentes, fornecem um acesso sistematizado às línguas e auxiliam no ensino-aprendizagem e no reconhecimento de normas. No que concerne ao direcionamento desses trabalhos, que podem ser desenvolvidos por acadêmicos ou especialistas do mercado editorial, identificam-se obras de cunho prescritivo, que visam à padronização e a manutenção de usos socialmente aceitos; e de cunho descritivos, voltados inteiramente à configuração e ao funcionamento do fenômeno linguístico, isentando-se de juízos de valor.

Sobre a relação entre léxico e dicionário, Atkins e Rundell explicam que:

um dicionário é uma descrição do vocabulário usado por membros de uma comunidade de fala (por exemplo, por “falantes de inglês”). E o ponto de partida para essa descrição é evidência do que os membros de uma comunidade de fala realizam quando se comunicam uns com os outros (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 2, tradução nossa).

Nesse caso, o dicionário não seria um repertório inatingível e superior ao falante, mas uma representação do acervo lexical da comunidade de fala, remetendo à terminologia sociolinguística laboviana, o que permite que se pense na dimensão dos *corpora* para a composição do dicionário, sobretudo da oralidade, quando os autores ressaltam as realizações coletivas. Também se observa na referida citação que o dicionário não pode se limitar apenas à incursão no próprio signo, mas também deve incorporar o uso social, uma vez que “o conteúdo

e a forma de cada aspecto de um dicionário devem, centralmente, levar em conta quem serão os usuários e para o que eles usarão o dicionário” (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 5).

Tendo em vista que os dicionários precisam refletir os hábitos linguísticos de uma comunidade e fornecem um recurso útil às situações sociocomunicativas, as noções de variação e mudança linguística, assim como a ocorrência e legitimidade de variantes, apresentam extrema relevância, que se tornam mais presentes quando uma produção lexicográfica se alinha aos avanços de estudos como a própria Dialetologia e a Sociolinguística.

Compreende-se a variação como um fenômeno natural das línguas em que há a existência de variantes, que são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2001, p. 8). Notadamente, esse fenômeno ocorre em diferentes níveis de análise, ao longo de estágios sincrônicos, promovendo, ou não, a mudança. No caso de uma análise sobre as variações da língua em uma dimensão geográfica, denomina-se essa variação como diatópica, que consiste na prioridade de registro dos dicionários dialetais.

Esse olhar, por parte do lexicógrafo, para a variação, não se deve apenas aos *corpora*, no âmbito de uma macroestrutura, mas também ao programa constante de informação que será desenvolvido nos verbetes, em uma microestrutura, uma vez que cada item lexical possui um valor e uma história que pode mobilizar diferentes itens lexicográficos, como definições mais lexicográficas ou enciclopédicas, comentários etimológicos, marcas e notas de uso, remissões etc. No que compete aos docentes e discentes, isso gera uma atenção aos materiais de consulta e ao estímulo à pesquisa em diferentes fontes dicionarísticas, pois os dicionários geralmente não são iguais uns aos outros e nem sempre são fiéis ao que seus títulos propõem. Nesse aspecto, Alvar Ezquerria apresenta uma importante questão:

O professor deve conhecer seriamente cada uma das obras lexicográficas existentes, ou ao menos as mais importantes para cada período de escolaridade. Mas, infelizmente, isto quase nunca acontece, deixando-se levar pela propaganda, quase sempre interessada, do editor ou por conselhos de livreiros ou de outras pessoas que nem sempre são autorizadas na matéria. (EZQUERRA:s.d., p. 166).

Nem sempre é possível ter essa visão ampla, como menciona Alvar Ezquerria, no entanto, defende-se aqui que o professor de língua portuguesa pode e deve dominar a terminologia básica da lexicografia para que a seleção e o manuseio de dicionários se tornem mais críticos e produtivos, pois, uma vez compreendidos os conceitos existentes em cada termo e o modo como se manifestam em uma dada obra, o consulente não se torna refém de um empreendimento lexicográfico duvidoso ou inadequado ao exercício sociocomunicativo.

Por exemplo, macro e microestruturas são termos relacionados ao processo de construção de uma obra de referência linguística, em que o primeiro se refere ao planejamento de seleção de corpora, objetivos, meta(s), público-alvo, a que se somam os textos dicionarísticos específicos, e o segundo ao planejamento interno de um verbete, levando em conta suas propriedades, que se revelarão através de itens, e de suas roupagens, isto é, os indicadores.

A tipologia, por sua vez, se refere à classificação da obra, dentro de um conjunto diverso, levando em conta suas diferenças específicas, o que Burkhanov (1998) apresenta como uma questão principal da metalexigrafia. O dicionário dialetal, por exemplo, configura-se como um produto lexicográfico monolíngue, voltado a falantes nativos e não-nativos de uma língua descrita, com um projeto dicionarístico e um programa constante de informações que enfatiza o léxico em uma dimensão diatópica.

Pensar dicionários dialetais em sala de aula implica também um olhar para questões de lexicografia pedagógica, entendida aqui como uma área da lexicografia, seja em teoria ou prática, que toma o dicionário como um instrumento linguístico que proporciona o desenvolvimento de competências e habilidades em um contexto de ensino-aprendizagem, refletindo sobre o usuário e as suas necessidades ao longo de diferentes situações sociocomunicativas, uma visão que promove a superação da obra de referência linguística como um depósito de conceitos e formas ortográficas, dialogando com Souza e Murakawa (2019, p. 251), quando observam que “o dicionário é um elemento divulgador de cultura, extrapolando os limites de uma obra linguística, fazendo-se ferramenta cultural extralinguística”.

Embora já existam iniciativas governamentais para a avaliação, compra e distribuição de obras pedagógicas, como o Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que alimenta os acervos escolares da rede pública de ensino, sendo a via principal para que os dicionários cheguem às mãos de professores e alunos, o que se tem em mente aqui é o estímulo à pesquisa de materiais complementares aos dicionários-padrão. Os dicionários aprovados e distribuídos pelo PNLD são mais voltados ao exercício da leitura e da escrita e à aquisição de uma norma de prestígio, apresentando lacunas quanto à oralidade e ao português em sua dimensão geográfica, o que destaca a necessidade de pesquisa em diferentes fontes, que, não estando disponíveis fisicamente nas bibliotecas escolares, podem ser encontradas em teses e dissertações universitárias ou em iniciativas autônomas de dialetólogos que remontam ao século XIX já em fase de disponibilização virtual.

Ademais, listam-se abaixo vinte e nove trabalhos que se voltaram ao registro da variação diatópica do português brasileiro e que foram representativos para o desenvolvimento de uma lexicografia dialetal. Cabe salientar que não se trata de uma listagem completa, mas, sim, de um ponto de partida para investigações e usos. Essa produção agrupada teve início no século XIX,

quando a consciência dialetológica se fazia a partir da comparação entre o português do Brasil e o português europeu, até o século XXI, momento atual em que se reconhece a diversidade linguística no território brasileiro com maior acurácia e uma metodologia rigorosa para a coleta de dados da oralidade:

1. Dicionário da língua brasileira (1832), de Luís Maria da Silva Pinto;
2. Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa (1853), de Brás da Costa Rubin;
3. *Popularium sul rio grandense e o dialeto nacional* (1872), de Apolinário Porto Alegre;
4. Dicionário brasileiro da língua portuguesa (1888), de Antonio Macedo de Soares;
5. Dicionário de vocábulos brasileiros (1889), de Visconde de Beaurepaire-Rohan;
6. Vocabulário Sul-Rio-Grandense (1898), de José Romaguera Correia;
7. Glossário Paraense (1906), de Vicent Chermont de Miranda;
8. Dicionário de brasileirismos: peculiaridades pernambucanas (1913), de Rodolfo Garcia;
9. O Dialeto Caipira (1920), de Amadeu Amaral;
10. O linguajar carioca (1922), de Antenor Nascentes;
11. Vocabulário gaúcho (1926), de Roque Callage;
12. Vocabulário do nordeste do Rio Grande do Sul: linguagem dos praieiros (1933), de Dante de Laytano;
13. Vocabulário Sul-Rio-Grandense (1935), de Luiz Carlos de Moraes;
14. Vocabulário Pernambucano (1937), de Francisco Pereira da Costa;
15. Vocabulário Amazonense (1939), de Alfredo da Maia;
16. Vocabulário Amazônico (1942), de Amando Mendes;
17. A linguagem popular na Bahia (1951), de Édison Carneiro;
18. Gauchismos: a linguagem do Rio Grande do Sul (1954), de Arci de Albuquerque;
19. Dicionário de Termos Populares (Registrados no Ceará) (1959), de Florival Seraine;
20. Vocabulário de Termos Paraibanos (1959), de Leon Clerot;
21. Dinâmica de uma linguagem: o falar de Alagoas (1976), de Paulino Santiago;
22. Vocabulário Cearense (1979), de Horácio de Almeida;
23. Calepino Potiguar: gíria rio-grandense (1980), de Raimundo Nonato;
24. Adagiário brasileiro (1982), de Leonardo Mota;
25. Dicionário da língua popular da Amazônia (1985), de Paulo Jacob;
26. Dicionário do Dialeto Rural no Vale do Jequitinhonha (2013), de Carolina Antunes;

27. Vocabulário Dialetal baiano (2017), de Isamar Neiva de Santana;
28. Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste (2018), de Daniela Silva Costa;
29. Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil (2019), de Cemary Correia de Sousa.

Com o intuito de se tornarem mais explícitas as potências pedagógicas dos dicionários dialetais, elegeu-se, para descrição e análise, o Vocabulário Dialetal Baiano (2017), de Isamar Neiva de Santana, como objeto de discussão.

As potências pedagógicas do Vocabulário Dialetal Baiano (SANTANA, 2017)

Segundo Krieger (2005), para a avaliação de um dicionário, há três aspectos básicos: a proposta lexicográfica, a confiabilidade e a adequação ao projeto de ensino. Dessa maneira, nos parágrafos seguintes, desenvolve-se uma discussão acerca desses elementos.

O Vocabulário Dialetal Baiano (VDB)², de Isamar Neiva de Santana, foi publicado em 2017 como tese de doutoramento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). O trabalho apresenta dois volumes, já hospedados no site do Repositório Institucional da UFBA, nos quais o primeiro é dedicado à constituição histórica do léxico brasileiro e à delimitação da área dialetal baiana para o estudo do vocabulário, incluindo-se também dispositivos metodológicos e fundamentação teórica para a abordagem da variação; e o segundo volume consiste em um produto lexicográfico que segue os preceitos histórico-variacionais empreendidos por Machado Filho (2014), através do Projeto Dicionário Dialetal Brasileiro³, com os dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)⁴.

No que tange à construção da obra de referência de linguística, a autora, em seu antelóquio, expõe:

2 Link de acesso do VDB: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26662>

3 [...] obra de verve coletiva e interinstitucional, que envolverá diversos especialistas, quer na área da dialectologia, quer nas áreas da lexicografia e das ciências da informação, do Brasil e da França. Sua concepção não está voltada ao tratamento isolado de dialetos brasileiros, mas visa permitir a uma visão pandialetal da realidade variacional do léxico no Brasil, com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). (MACHADO FILHO, 2010, p. 67).

4 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) constitui-se na primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, in loco, nas diversas regiões geográficas, a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250). Trata-se, portanto, de um projeto que se desenvolve no campo da variação linguística, mais especificamente no campo da Dialectologia e com base na Geolinguística, caminho metodológico que se ocupa da cartografia dos fatos de língua, cuja produção de maior relevância se consubstancia nos atlas linguísticos. Dá curso a uma tendência dos estudos da linguagem que, iniciada na Europa com o Atlas Linguistique de la France (1902-1910), obra de Jules Gilliéron, se expande e se diversifica no que concerne à abrangência da área considerada — atlas regionais, nacionais, de família de línguas e de um continente. (CARDOSO, 2012, p. 855-856)

Com vistas a salvaguardar uma parte da história da língua, a que é dado a este Vocabulário Dialetal Baiano parcialmente registrar, coligem-se, aqui, os itens lexicais analisados na pesquisa de Doutorado, os quais foram extraídos de corpus de fala documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) em 22 localidades da Bahia. Inserem-se, pois, concomitantemente ao culto e até mesmo ao erudito, “certas palavras” que nunca estariam – e muitas não foram realmente encontradas em dicionários brasileiros contemporâneos e atuais – independentemente do prestígio ou estigma que possam ter, a fim de atenuar preconceitos sociolinguísticos. Que a consulta, aqui, não seja vã. (SANTANA, 2017, p. 4).

O VDB possui 1.938 verbetes e se caracteriza por uma organização temática, adotando os seguintes campos conceituais do questionário do ALiB: acidentes geográficos, alimentação e cozinha, atividades agropastoris, ciclos da vida, convívio e comportamento social, corpo humano, fauna, habitação, jogos e diversões infantis, vestuário e acessórios e vida urbana. No âmbito de cada área temática, há uma abordagem semasiológica e uma ordenação alfabética, com a distribuição dos verbetes em duas colunas.

O trabalho consta de um projeto microestrutural bem detalhado em relação a seus segmentos informativos e indicadores tipográficos e não tipográficos. Nas entradas, observa-se uma preocupação com a ortografia, as indicações de homônimos e as variações dialetais em diferentes níveis, como o plano fônico, mórfico etc. Por outro lado, no que diz respeito à decodificação do dado semântico do item lexical, o tipo de definição eleita pela autora é a lexicográfica, isto é, uma paráfrase explanatória que se constrói a partir de um hiperônimo e suas características específicas.

Há, no VDB, um sistema rico de remissões, que é um dispositivo lexicográfico para denunciar relações formais ou semânticas entre itens ao longo da nomenclatura e, no caso da referida obra, as relações sinonímicas e antonímicas são privilegiadas. Outro mecanismo também utilizado para apontar essas relações, mas em diferentes obras, é o emprego das achegas enciclopédicas, que se caracterizam como um recurso facultativo para indicar a recorrência dos itens do VDB no Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)⁵, o primeiro atlas linguístico brasileiro, elaborado sob a coordenação do Prof. Nelson Rossi, entre os anos de 1960 e 1962.

Levando em conta que os dados foram provenientes do ALiB, indicam-se, no verbete, a pergunta, a área temática, o questionário utilizado para a obtenção do léxico e a resposta dada

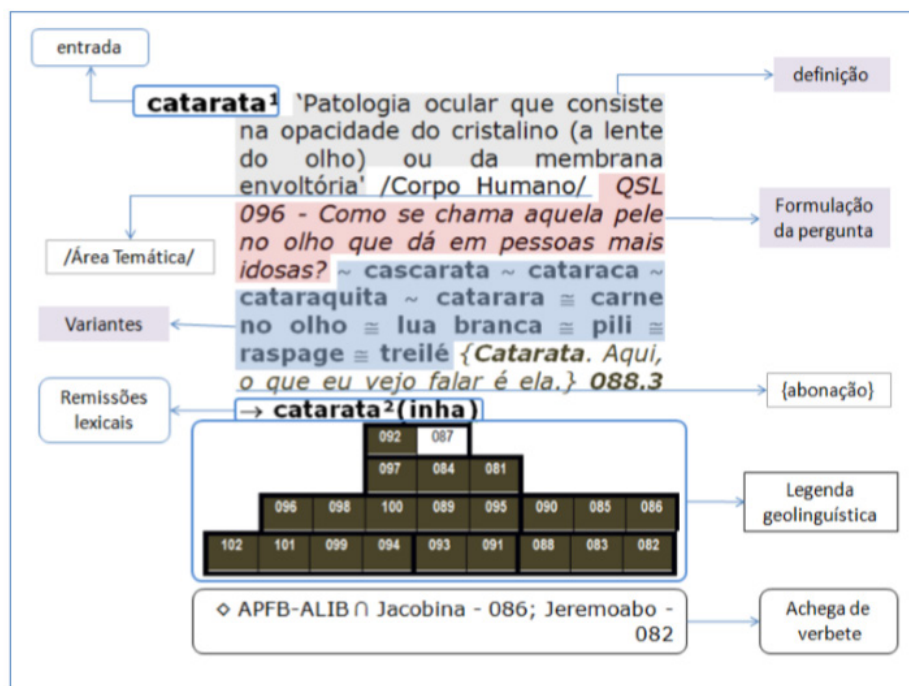
5 Obra pioneira, contou com uma rede de pontos de 50 localidades, distribuídas pelas 16 zonas fisiográficas do Estado, e com um extrato questionário de 182 perguntas, selecionadas com base em uma versão de questionário mais ampla, contendo 3.000 questões, divididas nas áreas semânticas terra, vegetais, homem, animais. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

pelo falante, que aparece nas abonações, para além de uma representação lexicográfica das localidades estudadas, através de uma legenda geolinguística.

Por meio de códigos e configurações pré-estabelecidas na tese, indica-se através da legenda a rede de pontos do trabalho geolinguístico do ALiB e seus agrupamentos em sete mesorregiões da Bahia, sendo um total de 22 localidades na pesquisa. Desse modo, no VDB, registram-se dados de variação das cidades de Barra, Euclides da Cunha, Caetité, Irecê, Carinhanha, Barreiras, Jacobina, Alagoinhas, Jeremoabo, Seabra, Vitória da Conquista, Santo Amaro, Itaberaba, Valença, Santa Cruz Cabralia, Jequié, Santana, Ilhéus, Itapetinga, Juazeiro, Caravelas e Salvador.

Todos os aspectos elencados acima podem ser ilustrados na chave de consulta da figura 1, no verbete “catarata”, cuja ocorrência do item lexical se manifesta em quase toda a rede de pontos, com exceção da localidade 087, que corresponde à cidade de Barreiras, no oeste baiano, onde se registrou “víridio” e suas variantes, como se pode notar na figura 2.

Figura 1 – Chave de consulta com o verbete catarata do Vocabulário Dialectal Baiano (2017)



Fonte: Santana (2017, p. 9).

Figura 2 – Verbetes “víridio” do Vocabulário Dialectal Baiano (2017)

víridio - ~ **avilite** ~ **dilide** ~ **vilide** ~
vilite ~ **virido** ↔ **catarata**¹

			092	087				
			097	084	081			
	096	098	100	089	095	090	085	086
102	101	099	094	093	091	088	083	082

Fonte: Santana (2017, p. 112).

Note-se que nos verbetes apresentados o lema principal aparece em letra minúscula redonda com o recurso negrito, apresentando casos de indicação de homonímia com algarismos arábicos sobrescritos e de alterações morfológicas com o uso de parênteses. Por sua vez, a definição lexicográfica destaca-se pelo uso de aspas simples, enquanto a indicação de área temática se faz entre barras inclinadas e a formulação da pergunta do ALiB possui o recurso itálico seguido de ponto. A hachura de cada quadrado e o código da localidade recebem a cor branca e o recurso negrito quando se expressa o uso.

As variantes surgem também em minúsculo e negrito, sendo precedidas ou não, a depender da alteração no nível de análise, por til (~), duplo til (≈) ou o símbolo de aproximadamente igual (≅). A abonação, entre colchetes, carrega consigo o uso de itálico e o negrito como ênfase sobre o item lexical que protagoniza o verbete. Há ainda após a abonação uma codificação numérica que representa a localidade e o perfil sociolinguístico do falante em negrito, que corresponde a um homem, da faixa II, com escolaridade fundamental, originário do município de Euclides da Cunha.

As remissões do verbete principal são identificadas pelo negrito e pela seta (→) que a antecede, enquanto os verbetes remissivos desenvolvem-nas com setas bidirecionais (↔), guiando o consulente ao verbete principal. A legenda geolinguística constitui um macroindicador com indicadores menores embutidos, em que linhas de espessura maior denunciam as mesorregiões da Bahia e suas fronteiras e as linhas menos espessas expressam vizinhança entre as localidades.

Por fim, em relação às achegas enciclopédias, percebe-se a sua proximidade à legenda geolinguística, abaixo, em um retângulo de bordas arredondadas em letras redondas, no qual a relação ALiB-APFB é duplamente marcada por um losângulo (◆) e por um sinal de conjunto (∩).

Dentre alguns potenciais pedagógicos que residem neste trabalho, para um projeto de ensino que englobe a variação diatópica, citam-se o fato de:

- a) reconhecer uma norma linguística, o falar baiano, explicitando suas diferenças e registrando seus itens lexicais com mesma legitimidade de normas prestigiadas;
- b) apresentar dados de oralidade geolinguisticamente bem situados, o que permite um maior conhecimento da realidade linguística na Bahia e uma melhor visualização de zonas dialetais;
- c) refletir sobre os usos baianos que se encontram ocultos sob as marcas de uso generalizadas de nordestinismos em dicionários-padrão de língua;
- d) identificar os falantes sociolinguisticamente em sua legenda geolinguística;
- e) promover o respeito à identidade linguística, a partir do reconhecimento das variantes e de sua expressividade no repertório do aluno ou do professor;
- f) e sensibilizar os consulentes para a seleção vocabular e as situações sociocomunicativas das variantes através das abonações.

Esse encontro do aluno com a diversidade por meio do dicionário dialetal para um exercício de reflexão sobre a língua, sobretudo, o VDB, que demarca a geografia e o perfil sociolinguístico do falante, pode ser balizado, por exemplo, pelos PCN - Ensino Médio quando dizem que:

[...] A variante-padrão pode ser comparada com as outras variantes em seus aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos. [...] Verificar o estatuto dos interlocutores participantes do processo comunicativo, as escolhas discursivas, os recursos expressivos utilizados podem permitir ao aluno o conhecimento da sua linguagem como legítima, sem desmerecer as demais. O exame da complexidade das manifestações evoca a superação preconceituosa das identidades e provoca o respeito mútuo como meio de entender o presente e construir o devir (BRASIL, 2000, p. 9-10).

Em relação aos objetivos gerais da língua portuguesa para o ensino fundamental, os PCN também explicam:

[...] utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam; • conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado (BRASIL, 1998, p. 33).

Com isso, os dicionários dialetais, como o VDB, encontram-se aptos a uma inclusão em um contexto de ensino-aprendizagem de língua, não só pelo conteúdo, mas pelas séries de potenciais pedagógicos que proporcionam, como as noções de comunidade, cultura e identidade.

Seguindo ainda os preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), sugerem-se quatro esboços de atividades em que os dicionários dialetais, como o VDB, apresentariam um uso efetivo:

- a) atividades de análise linguística em que, por meio de leitura e escuta de vídeos ou áudios de falantes de língua portuguesa de diferentes regiões do Brasil, se desenvolvam transcrições para que as diferenças linguísticas se tornem mais evidentes e o aluno possa, através da pesquisa às obras dialetais, comparar os registros e atestar se há ou não diferença de valor;
- b) exercícios de pesquisa em dicionários para a comparação de variantes populares e variantes de prestígio e como cada unidade lexical é registrada por diferentes lexicógrafos; práticas de leitura de textos de caráter regional e usos relativos a um dialeto que destoe da norma linguística do leitor, permitindo, através da consulta ao dicionário dialetal, a ampliação do repertório linguístico e uma melhor compreensão da variante empregada e suas implicações contextuais;
- c) seminários em que os alunos possam abordar a história da língua portuguesa e suas diferenças nas regiões do Brasil, de modo que equipes possam ficar responsáveis por diferentes dialetos, munidos de uma obra específica, mostrando as características e as variações;
- d) projetos pedagógicos de consciência e valorização linguística, voltados à confecção de um dicionário dialetal da comunidade que circunda a escola, buscando o suporte da dialetologia e os modelos dos dicionários dialetais para a construção de verbetes.

Outrossim, para que os dicionários dialetais não tenham apenas seus potenciais pedagógicos apontados e os esboços não pareçam distantes de uma realidade de ensino, apresenta-se neste trabalho um exemplo de proposta de plano de aula sobre variação diatópica com o uso do VDB. Toma-se como ponto de partida a seguinte pergunta do Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB: como se chama o inseto de corpo comprido e fino com quatro asas bem transparentes que voa e bate a parte traseira na água? O plano se desenvolve levando em conta as variantes lexicais para “libélula” na Bahia, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Proposta de plano de aula sobre variação diatópica com uso do Vocabulário Dialetal Baiano (2017)

PLANEJAMENTO	
ASSUNTO	Variação linguística: variação diatópica
OBJETIVOS	<p>Reconhecer a variação linguística como um fenômeno natural das línguas.</p> <p>Compreender o conceito de variação diatópica e de dialeto;</p> <p>Construir reflexões sobre o português brasileiro e suas variedades em uma dimensão espacial a partir de dados geolinguísticos.</p> <p>Aguçar o senso crítico no que diz respeito à seleção vocabular nos domínios da escrita e da oralidade.</p> <p>Manusear o dicionário criticamente atentando para itens e indicadores lexicográficos.</p> <p>Contribuir para o combate ao preconceito linguístico e a marginalização de dialetos, com o intuito de promover o respeito à diversidade.</p>
SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
<p>Proposição da seguinte pergunta do questionário do Projeto ALiB para a turma: Como se chama o inseto de corpo comprido e fino com quatro asas bem transparentes que voa e bate a parte traseira na água?</p> <p>Sistematização das respostas no quadro e análise linguística pautada nas equivalências ou diferenças entre as variantes a partir do próprio conhecimento dos alunos.</p> <p>Explanação da variação linguística como um fenômeno natural das línguas e seus tipos, dando destaque à variação diatópica.</p> <p>Apresentação do Vocabulário Dialetal Baiano e de sua base em dados do Projeto ALiB, explicando a sua constituição e como manuseá-lo, com uma ênfase maior na rede de pontos projetada na legenda geolinguística.</p> <p>Pesquisa coletiva das variantes que foram coletadas em sala no Vocabulário Dialetal Baiano, questionando-os sobre formas conhecidas e desconhecidas e a frequência dos usos ao longo de diferentes localidades no dicionário.</p> <p>Explicação sobre o conceito de área dialetal e de dialetos.</p> <p>Debate sobre a forma linguística frequentemente utilizada em textos escritos, desenvolvendo uma discussão sobre as dimensões da escrita e da oralidade e o preconceito linguístico.</p>	
RECURSOS DIDÁTICOS	<p>Data <i>show</i></p> <p><i>Notebook</i></p> <p>Quadro e pincel</p> <p>Versão online do Vocabulário Dialetal Baiano cujo arquivo pode ser compartilhado com os alunos, projetado ou ter as páginas específicas com os verbetes impressas.</p>
AVALIAÇÃO	Escolha do docente a desenvolver este plano.
REFERÊNCIAS	<p>ANTUNES, I. <i>Aula de português: encontro e interação</i>. São Paulo, SP: Parábola, 2003.</p> <p>MARCUSCHI, L. A. <i>Da fala para a escrita: atividades de retextualização</i>. São Paulo, SP: Cortez, 2001.</p> <p>SANTANA, I. N. <i>Vocabulário Dialetal Baiano</i>. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017 Tese (Doutorado em Língua e Cultura) do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2017.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Não só como um exercício de transdisciplinaridade, haja vista o encontro do ensino de língua portuguesa com as ciências biológicas, a discussão sobre as denominações para esse inseto, em sala de aula, permite uma reflexão sobre a seleção vocabular nos domínios da escrita e da oralidade e os juízos de valor envolvidos, explorando tanto o repertório do dicionário, como a própria competência do aluno enquanto falante e usuário de determinadas unidades lexicais.

Considerações finais

Diante das questões apresentadas ao longo do texto, cabe refletir se o ensino de língua portuguesa tem servido como um meio de socialização ou opressão e como os dicionários, na condição de recursos didáticos, podem ser decisivos para o desenvolvimento de competências e habilidades. Para isso, é preciso ter em mente se o aluno, como um sujeito atuante em um processo de expansão do repertório linguístico, tem sido respeitado; se a língua em suas diferentes variações e graus de poder tem sido reconhecida e levada para sala de aula; e se há uma prática docente mediadora que compartilhe os saberes linguísticos necessários para a ocupação de espaços sociais e adequação a seus contextos sociocomunicativos.

No cenário atual, levando em conta as mudanças sociais, a popularização da internet e de novas tecnologias que têm criado e recriado espaços, e os avanços científicos na linguística e como suas contribuições têm sido divulgadas e acessadas, ainda são válidas as reflexões de Cardoso (1994) para se pensar o que se tem feito na educação: o que se considera como língua? A que tem servido a ciência: para oprimir ou para libertar? A que tem servido a tecnologia: para reprimir ou para socializar os ganhos? A que tem servido o trabalho: para escravizar ou para libertar? Foi nesse sentido que se sustentou, neste trabalho, uma relação entre ensino, pesquisa, escola e comunidade para um ensino de língua portuguesa mais efetivo e engajado com a diversidade.

Definem-se os dicionários dialetais como obras de referência linguística monolíngues, voltadas a falantes nativos e não-nativos da língua descrita, com uma sistematização semasiológica, um projeto dicionarístico e um programa constante de informações que enfatiza o léxico em uma dimensão diatópica e, ao longo da discussão, buscou-se apresentar seus potenciais pedagógicos para um ensino de língua em perspectiva histórico-variacional.

Por fim, defende-se a valorização do dicionário como um lugar de lições sobre a língua, como bem afirma Krieger (2005), sendo tão importante quanto as gramáticas, e a urgência de resignificação desse objeto, a partir do contato com diferentes tipos, como o dicionário dialetal, e em diferentes suportes, para que o ensino de língua portuguesa seja abrangente e capaz de expandir o repertório linguístico não se limitando apenas ao conhecimento de uma norma-padrão culta, mas também ao reconhecimento da diversidade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo, SP: Parábola, 2003.
- ATKINS, B.; RUNDELL, M. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. New York: Oxford University Press, 2008.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 22 jul. 2020.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, DF: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em 23 jul. 2020
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em 23 jul. 2020
- BURKHANOV, I. *Lexicography: A Dictionary of Basic Terminology*. Rzeszow: WWP, 1998.
- CARDOSO, S; MOTA, J. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. *ALFA*, v. 56, n. 3, p. 855-870, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- CARDOSO, S. Língua: meio de opressão ou de socialização. In: FERREIRA, C. et al. *Diversidade do Português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 2 ed., p. 229-233, 1994.
- COMITÊ NACIONAL. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina, PR: EDUEL, 2001.
- EZQUERRA, M. Función del diccionario en la enseñanza de la lengua. In: EZQUERRA, M. *Lexicografía descriptiva*. Barcelona: Bibliograf, 1 ed., p. 165-180, s.d.
- FARACO, C.A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, SP: Parábola, 2008.
- KRIEGER, M. G. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, C. et al. (org.). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, p. 103-113, 2011.
- KRIEGER, M. G. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. *Revista Língua e Literatura*, v. 6 e 7, n. 10/11, p. 101-112, 2005. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/42>>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo, SP: Contexto, 2015.
- Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 1, p. 371-386, jan.-jun. 2021.

MACHADO FILHO, A. V. L. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41, p. 49-70, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. Diversidade linguística brasileira e ensino do português: proposições comentadas. In: MATTOS E SILVA, R. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, p. 63-78, 2004.

SANTANA, I. N. *Vocabulário Dialetal Baiano*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2017.

SOUZA, P. S; MURAKAWA, C. O dicionário como recurso pedagógico: uma análise dos volumes VI, VII e VIII da coleção As Ciências do Léxico. *Revista Philologus*, v. 25, n. 75, p. 250-269, 2019. <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO25/75/17.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, SP: Ática, 2001.